

C&T NA MÍDIA REGIONAL: A PRESENÇA DE REPORTAGENS SOBRE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO PROGRAMA CAMINHOS DA ROÇA¹

Caroline Petian PIMENTA²

Resumo

Com o desenvolvimento do agronegócio, o homem do campo tornou-se cidadão moderno e tecnologicamente avançado e a abordagem sobre assuntos referentes ao campo passaram a receber maior atenção da mídia. O presente estudo é parte de uma pesquisa mais ampla que busca mensurar e analisar as reportagens de cunho científico e tecnológico veiculadas no programa regional Caminhos da Roça, exibido semanalmente pela Empresa Pioneira de Televisão - EPTV (afiliada da TV Globo) em municípios nas regiões de Ribeirão Preto, Campinas, São Carlos, Varginha e pela TV Fronteira, na região de Presidente Prudente. Este artigo apresenta resultados parciais e neste recorte serão analisados os episódios dos meses de abril e maio de 2006. Além da mensuração, a pesquisa, fundamentada na análise crítica do discurso, busca verificar como é o discurso do Caminhos da Roça ao fazer a divulgação científica.

Palavras-chave: comunicação, divulgação científica, jornalismo regional, análise do discurso.

Introdução

(...) Ciência e Tecnologia estão mais que nunca na ordem do dia, o que representa um fator essencial de desenvolvimento e dá ao Brasil, no contexto mundial, um papel de crescente importância. (MINDLIN, 2003, p. 9)

¹ Trabalho apresentado ao XI Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (Regiocom) no GT 2 – Mídia Sonora e Audiovisual.

² Caroline Petian Pimenta é jornalista formada pela UniCOC, em Ribeirão Preto/SP, mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e bolsista CNPq. E-mail: petian@click21.com.br

De acordo com a ABAG/RP (Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto), o agronegócio é um dos carros-chefes da economia brasileira e importante segmento na região de Ribeirão Preto. Ocupa um posto privilegiado na economia garantindo frentes de emprego e evolução tanto para o país quanto para a cidade. Como reflexo desta realidade, a comunicação no setor ocupa um crescente espaço, sendo responsável pela divulgação e maior entendimento dos assuntos provenientes deste setor e que serão transmitidos para o público.

Na região de Ribeirão Preto, o agronegócio é um importante gerador de pautas e cada vez mais tende a divulgar a ciência e a tecnologia, já que o homem do campo não é mais como o Jeca Tatu criado por Monteiro Lobato, ser matuto, ignorante, e sim um cidadão moderno que vive em busca de novas tecnologias. O fazendeiro é hoje um empresário do campo e a fazenda é sua empresa.

É nesse sentido que o objeto desse estudo, o programa semanal Caminhos da Roça, exibido em 355 municípios nas regiões de Ribeirão Preto, Campinas, São Carlos, Varginha e Presidente Prudente, habitualmente nas manhãs de sábado, se propõe a estar sempre ancorado pelo agronegócio - um dos principais temas do programa. Segundo o apresentador e responsável pela produção do programa, Dimas Augusto, “o programa fala sobre as novas tecnologias aplicadas ao campo, as tradições rurais e presta serviços: informações sobre reservas de água no solo, lavouras, dicas de manejo, os valores dos produtos agrícolas e pecuários”.

Falar de agronegócio não é apenas refletir sobre o solo, as colheitas, a produção. É, pois, ver o que pode ser “colhido” da terra. É aí que entra a ciência e também a comunicação. Com o universo do agronegócio vivendo cada vez mais em um ambiente científica e tecnologicamente avançado, a comunicação, por meio do jornalismo especializado, não pode estar de fora, pois é através dela que as mensagens e os conceitos serão transmitidos.

Koch (1984, p.24) explica que “toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções ao comunicar-se. Compreender uma enunciação é, nesse sentido, apreender essas intenções”. Dessa forma, esta análise pretende mostrar como é a linguagem do Caminhos da Roça ao tratar de C&T³, já que é através de programas de televisão que muitos profissionais se comunicam com outros profissionais, pessoas pouco

³ C&T é uma sigla usada para os termos Ciência e tecnologia.

especializadas no assunto, ou mesmo leigas. Por isso, o programa em questão foi escolhido como objeto de estudo para este trabalho, já que, é intenção do programa, segundo o apresentador Dimas Augusto, falar “ao pequeno, ao médio, ao grande proprietário rural. Falamos e ouvimos o que ele tem a dizer, com um grande objetivo: encontrar novos caminhos para o homem do campo”⁴.

Embora seu público principal seja o produtor rural, Caminhos da Roça ganha audiência também de quem não é da área. A relação que o programa cria com o telespectador é de entrosamento e aconchego a começar pelo cenário (fazendas, sítios, estâncias do interior) e isso ganha peso em um tempo em que muitas pessoas buscam no contato com o campo e com a natureza momentos de tranquilidade. Nele, o telespectador encontra, além de notícias, cotações de preços, etc, este contato com o campo por meio da música caipira, das piadas e da culinária típica.

O estudo se propõe a verificar qual o espaço que o Caminhos da Roça dedica a reportagens de cunho científico e tecnológico, através de uma quantificação das matérias de C&T veiculadas pelo programa e, posteriormente, de uma análise sobre como o conteúdo é transmitido, qual é a linguagem ao tratar desses assuntos.

Fundamentação metodológica

“(...) os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, seqüência de cenas e muito mais. É, portanto indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se compreende uma análise de seu conteúdo e estrutura”. (ROSE, 2002, p.343).

O corpus deste recorte consiste em oito programas, sendo 16 reportagens selecionadas que continham de alguma maneira assuntos relacionados à ciência ou tecnologia. Gill (2002, p 259) explica que optar pela análise de discurso não substitui, por exemplo, a análise de conteúdo ou dados de um questionário. Portanto, a pesquisa utiliza a metodologia quantitativa em um primeiro momento e a qualitativa num segundo momento para o exame do material.

Pelo fato do programa sempre seguir os mesmos padrões, o número de episódios selecionados não influencia a análise e, por isso, a quantidade de programas foi suficiente para concluir a proposta inicial.

⁴ Site oficial do programa Caminhos da Roça. Disponível em <<http://www.eptv.com/caminhosdaroca>> Acesso em 05 de maio de 2006.

Para a seleção do material elaborou-se um protocolo para a coleta de dados, no qual constavam: data de exibição dos programas, escalada⁵ das matérias, tempo de duração, local (cidade e estado), principal assunto, tipos de discursos predominantes, principais fontes oficiais (Instituto de pesquisa, especialista ou pesquisador), principais fontes comuns⁶ (pequeno, médio ou grande trabalhador rural e não especialistas), ambientação da reportagem e autores.

Um critério adotado para a seleção de reportagens foi a necessidade de nelas constar a menção a, no mínimo, um instituto de pesquisa (ou universidade) ou um pesquisador, ou ambos. Os dados tabulados foram analisados sob a perspectiva da análise crítica do discurso, procurando entender qual a linguagem utilizada pelo programa para tornar o discurso científico compreensível, possibilitando a divulgação científica.

Alguns elementos lingüísticos que compõem as reportagens permitem que se perceba o discurso popular do homem do campo, presente nas matérias. É exemplo disso a reportagem sobre o cultivo da fruta pitaia, na cidade de Socorro/SP, em que os personagens falam do cultivo por experiência própria, dos modos populares que descobriram para que o plantio desse certo. É uma reportagem de mais de seis minutos e é praticamente toda ela produzida com os conhecimentos dos produtores, salvo o comentário de uma agrônoma ao final.

“(…) todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras”. (ORLANDI, 1997, p.15). Sabe-se que a escolha de uma ou de outra palavra não ocorre sem intenção, mas sim de forma a demonstrar opinião. Para Marcuschi (1991, p. 74-92), as diferentes maneiras de relatar opiniões são introduzidas por meio de algum verbo que antecipa o caráter da opinião relatada. “Em geral, ao se reproduzir as opiniões de alguém, procede-se a uma nova seleção de termos e a outra construção sintática que as do autor. Embora esse processo aparente certa inocência, não impede a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado”. (Marcuschi, 1991, p.75).

Para Gill (2002, p.249) “Não existe nada ‘simples’, ou sem importância com respeito à linguagem”. Todo discurso é uma maneira de interpretação do texto do outro e organizado com fins persuasivos. Como não existe neutralidade nos textos e sempre

⁵ Escalada é um termo jornalístico usado para chamar e numerar as matérias no início dos programas.

⁶ Nome dado aos entrevistados não especialistas nos assuntos tratados e que façam uso do senso comum.

há interesses em torno de uma questão, verificaremos como Caminhos da Roça constrói o discurso científico na medida em que é transmitido para um público não cientista.

A divulgação científica na mídia

De acordo com o sociólogo José Mindlin (2003, p.9), até os anos 90, o Brasil investia 0,5% do PIB em pesquisa e desenvolvimento, mas, no governo Fernando Henrique (...) o investimento passou para 1%.

Ronaldo Mota Sardenberg, ministro da Ciência e Tecnologia em 2002, em seu artigo “Conhecimento para o desenvolvimento”⁷, ressalta que a divulgação é fundamental para o avanço da ciência e da tecnologia no Brasil e que é graças ao jornalismo científico que temas essenciais são assimilados pela sociedade. Segundo ele, o trabalho de divulgação científica é vital para capacitar a população a entender e participar dos assuntos nacionais sobre Ciência e Tecnologia.

Diferentes veículos, como revistas, jornais e programas televisivos trazem em seu conteúdo assuntos relacionados à C&T e ao agronegócio. Caminhos da Roça é um deles. Apesar de não estar descrito em sua proposta inicial um programa voltado para esta temática, as evoluções, pesquisa e crescimento tecnológico levam pautas deste cunho à redação.

Para Mindlin (2002, p.9), há uma grande diferença entre ciência e tecnologia em matéria de desenvolvimento, pois a ciência, por definição, é um campo de colaboração, ao passo que a tecnologia é um dos mais poderosos instrumentos de competição universal, embora ambas, quando têm sucesso, proporcionem melhores condições de vida.

Vale ressaltar que o discurso do cientista, ao contrário de sua pretendida neutralidade, também é permeado por condições de produção e intenções de seus autores. Ana Paula Leibruder (2002, p.236) afirma que o texto da divulgação científica se dá a partir da intersecção de dois gêneros discursivos: o científico e o jornalístico, reunindo dois níveis de linguagem expressos simultaneamente. Um é focado na objetividade e busca da neutralidade - características típicas da ciência - e o outro é voltado para um registro mais coloquial, deixando à mostra a subjetividade. No discurso

⁷ Scientific American Brasil. Ano 1, no. 1 – Julho de 2002

da divulgação científica os termos técnicos do discurso científico são explicitados, na busca de uma linguagem mais acessível ao grande público.

Apesar desta preocupação do discurso de divulgação científica de moldar os padrões lingüísticos do discurso científico, buscando adequá-lo ao discurso jornalístico e ao grande público, ele não se configura em um segundo texto, mas em outro texto, formulado a partir da mudança do cenário discursivo e das posições dos interlocutores no discurso científico. De acordo com o efeito de sentido que pretende, o divulgador vai escolher qual o tipo de discurso utilizará, adequando-se ao seu leitor. “(...) a forma de transmissão de um conteúdo inclui definitivamente a organização dos níveis lingüísticos como um todo, considerando-se desde o lexical, até o morfológico, sintático, semântico, e textual” (LEIBRUDER, 2002, p. 236).

Análise do material

Semanalmente o programa traz de três a cinco reportagens e algumas entrevistas na programação e, dentre as 30 reportagens exibidas, 16 foram selecionadas para compor a análise proposta. Como critério de seleção, todas as analisadas traziam em seu conteúdo alguma relação com ciência ou com tecnologia. Em geral, o tempo das reportagens varia entre dois e seis minutos, dependendo do tema e de sua relevância.

As principais temáticas abordadas nos meses de abril e maio de 2006 são: agricultura, pecuária, citricultura e avicultura, além dos temas como doma de animais, turismo rural e a feira Agrishow⁸. É predominante o uso de uma linguagem mais coloquial e jornalística, no entanto, o discurso científico e o didático estão claramente presentes em algumas matérias. O discurso popular e o jornalístico se mesclam devido ao tipo de público visado pelo programa, e o discurso científico, com linguajar um pouco mais técnico e às vezes com explicações mais rebuscadas, atribui autoridade às matérias. Apesar do cientista sempre tentar ser compreendido, mesmo sem falar uma linguagem muito técnica, o repórter entra com explicação para intermediar a fala.

O cientista não é colocado como uma figura que traz a verdade absoluta e sim como alguém que traz aperfeiçoamentos e soluções. Muitas vezes há a presença de dois ou mais profissionais de outras instituições, ou também, como no caso do “software que analisa sementes”, o apresentador cita que outras universidades, além da citada na

⁸ Feira Internacional de Tecnologia Agrícola, realizada anualmente em Ribeirão Preto/SP.

reportagem, também estão testando a nova tecnologia. É possível notar que o cientista é colocado nas reportagens para ajudar realmente o produtor rural, já que o cientista aparece quase sempre nas lavouras ou nas fazendas interagindo com o produtor.

Os entrevistados não especializados ganham voz na maior parte das reportagens. Apenas em reportagens mais técnicas (três no total), não há presença de entrevistados que não sejam especialistas. No restante, o programa faz questão de mostrar o lado não especializado do assunto, daqueles que apresentam experiências empíricas, como na reportagem sobre a plantação de mudas de árvores para preservar as nascentes de água, em que cinco crianças são entrevistadas além de um dono de fazenda e de apenas um pesquisador. Em muitas matérias, ao falar sobre o produtor rural, as palavras têm uma conotação positiva e dão ênfase ao sucesso do homem do campo como em: “O peso da descoberta...”; “produtores brasileiros de olho no mercado externo...”; “Produtores apostam no cultivo do eucalipto...”.

Embora o programa faça uso principalmente dos discursos didático e jornalístico, o discurso científico também está presente e é fundamentado em órgãos e instituições de pesquisa. Entre elas estão principalmente Esalq, USP, UNESP, Instituto Agronômico de Campinas, entre outros, como forma de dar autoridade e credibilidade aos assuntos abordados. Vale ressaltar que o órgão mais citado nas reportagens analisadas foi a Esalq (Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”) localizada na cidade de Piracicaba/SP. Estas instituições de pesquisa dão apoio aos diversos temas que dizem respeito ao homem do campo, como por exemplo, na reportagem que fala do “eucalipto como alternativa para a indústria moveleira e para os pequenos produtores de madeira”. A matéria rendeu mais de quatro minutos e é quase toda apoiada em fala de pesquisadores do Departamento de Ciências Florestais da Esalq. Assim, verifica-se que é proveniente da ciência a geração de alternativas e o posterior sucesso para o homem do campo.

Caminhos da Roça tem o homem do campo, o produtor rural, como seu público-alvo preferencial, e nas reportagens selecionadas sua presença como fonte e participação como personagem entrevistado é uma constante.

Notam-se erros gramaticais e de concorrência na linguagem do produtor rural, aquele que vive mais em contato com o campo, diferente do grande produtor, administrador das fazendas e grandes propriedades, mas mesmo assim, são termos compreensíveis e que fazem parte da linguagem desse homem do campo. Roland Barthes (1988, p. 94) explica que “(...) na nossa sociedade basta-nos a linguagem do

mesmo, não precisamos da linguagem do outro para viver: a cada um basta-lhe a sua linguagem”. Uma linguagem mais carregada de sotaques, típica do povo do interior, é percebida em palavras como “terra” e “lavoura”. Essa diferença de linguagem é também explicada por Barthes (1988, p.102) como um discurso acrático, aquele que é influenciado pelo senso comum, o popular, e que está fora do poder. Essa é a linguagem do homem do campo, que muitas vezes se pauta pelo sendo comum, em credences populares, ou mesmo experiências empíricas.

Além das reportagens, o programa exhibe ainda cotações do café, milho, soja, algodão, arroba do boi, cana-de-açúcar, açúcar cristal, etc., e transmite a previsão do tempo para cidades do interior de São Paulo e sul de Minas Gerais.

Há ainda um espaço reservado para a música caipira, onde o violeiro Mazinho Quevedo, responsável pelo quadro, traz músicos para falar do campo, cantar e tocar modas de viola. O quadro responsável pelas piadas ou “causos” fica sob os cuidados do caipira “Chico Lorota”, um personagem rústico, com chapéu de palha que conta lorotas. Além desses, ainda tem o quadro “Todo Sabor”, onde um convidado especial traz a cada semana uma receita com uma pitada de sabor do campo. Caminhos da Roça ainda dá lugar a uma seção de cartas e dúvidas onde um profissional ligado a alguma instituição de pesquisa responde as dúvidas dos telespectadores. Além disso, um profissional da Embrapa de Campinas (Evaristo Miranda) fala sobre assuntos da semana, faz balanços sobre lavoura, reserva de água no solo e outros assuntos pautados.

Conclusão

Como nenhum discurso é isento de argumentação, também não o são de opinião. Ao avaliar as matérias do Caminhos da Roça relacionadas ao tema, o que se percebe é que tanto cientistas quanto jornalistas utilizam estratégias para levar ao telespectador uma clara compreensão dos assuntos abordados.

O programa exerce um papel unificador das falas que apresenta, na medida em que organiza as diferentes vozes que compõe seus discursos, desde produtores até pesquisadores. A análise das matérias permitiu-nos identificar uma tendência a apresentar a informação científica de forma clara e útil, além de acessível e não como incontestável. Essa maneira de apresentar a ciência e a tecnologia é fruto da junção que o programa faz das diferentes vozes, entre cientistas, jornalistas e atores populares do

discurso que, contribuem para as características do programa e para atrair o público visado por ele.

Caminhos da Roça mostra linearidade na forma de apresentar a ciência e a tecnologia e desde o início demonstrou interesse por esse tipo de informação. As matérias em nenhum momento demonstraram intenção de focar o sensacionalismo, pelo contrário, preocuparam-se em facilitar a identificação do telespectador com os fatos apresentados. Essa preocupação, aliada com o cuidado em fazer com que o telespectador se identificasse com o assunto tratado, gerou uma humanização da informação em vários casos. Foi o caso da reportagem das jabuticabas “brancas”, em que a empregada doméstica do entrevistado ensinou a fazer doces e contou um pouco da impressão de quem ia até a fazenda ver as frutas. Entretanto, o fato de “humanizar” não acarretou qualquer defasagem na argumentação.

A divulgação da ciência foi maior do que inicialmente imaginada. Muito embora o programa tenha levado ao ar matérias com clara contribuição à divulgação da ciência no campo, elas de fato contribuíram para aproximar a ciência do cidadão e ainda mostraram como ela influencia o cotidiano das pessoas que vivem do campo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BUENO, Wilson da Costa. **Manuel Calvo Hernando, um exemplo e uma referência**. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojorcienalvohernandosabercientifico.htm>> Acesso em 12 de junho de 2006.

COSTA, Flora Inês Matos. **A nobre missão da divulgação científica**. Disponível em <http://www.zenite.nu/tema/> Acesso em 15 de junho de 2006.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In. BAUER, M.; GASKELL, G. (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, 513 p.

HERNANDO, Manuel Calvo. **La divulgación científica y los desafíos del nuevo siglo**. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigodivciencialvohernandocongressousp.htm>> Acesso em 01 de junho de 2006

HERNANDO, Manuel Calvo. **El saber científico y tecnológico se digiere mal**
<<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojorciencalvohernandosabercientifico.htm>>

LEIBRUDER, Ana Paula. Discurso de Divulgação Científica. In BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do Discurso na Escola**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MINDLIN, José. **Para além do pessimismo**. Revista Scientific American Brasil ed. no. 8. janeiro de 2003.

MINDLIN, José. **Ciência e tecnologia na globalização**. Revista Scientific American Brasil ed. no. 2. julho de 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**, Campos do Jordão, Editora Mantiqueira, 2003.

OLIVEIRA, Fabíola de. O jornalismo como instrumento para a formação de uma cultura científica no país. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octavio; RESENDE, Paulo-Edgar A.; SILVA, Hélio (org). **Desafios da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORLANDI, Eni. Estrutura da Divulgação Científica. Disponível em:
<http://www.acordeduca.com.br/CD_seminario/Textos/Mesa_Redonda_Dia30/SALA3-EniPOrlandi.htm>. Acesso em 22 de março de 2006.

ROSE, Diane. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, 513 p.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um Tecido**. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2005.

Sites Visitados

CAMINHOS DA ROÇA. Disponível em <<http://eptv.com/caminhosdaroca>> Acesso em 05 de maio de 2006.